

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte A Província do Pará Class.: Tembé 99  
 Data 06/05/93 Pg.: 10 - Cidades

**Índios Tembé fazem novas reivindicações ao governo**

Com pinturas especiais e armas de guerra, os índios da tribo Tembé, da aldeia Turé, localizada a 37 quilômetros de Tomé-Açu, estão em Belém para formular denúncias e reivindicações à sociedade e às autoridades competentes. Chefiados pelo cacique Lúcio Tembé, e tendo como porta-voz o filho do cacique, Lucio Gusmão Tembé, que também é presidente da Associação Indígena Anun Maywyhy, a comissão formada por nove membros da tribo pleiteia para o mais urgente possível uma audiência com o governador do Estado Jader Barbalho, onde pretendem conversar sobre uma série de reivindicações referentes às condições de infra-estrutura na aldeia.

Além disso, os índios Tembé também trazem a público as falcatruas praticadas pelo elemento Oswaldo Urubu Kopikahok, que, dizendo-se membro da tribo Urubu-Ka'apor, cuja aldeia fica localizada na fronteira do Pará com o Maranhão, associou-se com os Tembé, fundou a Associação Indígena intitulando-se seu presidente e colocou, como endereço da sede, a residência de uma conhecida sua em Tomé-Açu. "Desde dezembro do ano passado que Oswaldo Urubu sumiu. Ficamos sabendo que ele recolhia dinheiro de várias pessoas e entidades, em nome da Associação, dizendo que a destinação era para benfeitorias na aldeia Turé. Mas era tudo mentira. Ele queria dinheiro para ele mesmo e usava o nome da tribo", denunciou Lúcio Gusmão Tembé, filho do cacique da aldeia e que agora ocupa o lugar de presidente da Associação.

Depois da saída de Oswaldo Urubu, Lúcio garante que a Associação Indígena continua em perfeito funcionamento. "Já obtivemos conquistas importantes, depois do afastamento do Oswaldo Urubu, como escola de primeiro grau, incluindo o ensino da linguagem Tembé pelo meu tio", disse Lúcio Gusmão Tembé. Ele também garantiu que a Funai tem provas que Oswaldo Urubu não é índio. "Ele não passa de um farsante, um enganador", disparou Lúcio Gusmão. Por conta da Associação Indígena, Urubu viajou para vários Estados do País como representante dos Tembé em grandes eventos. "Ele foi à Eco 92 do Rio de Janeiro, inclusive", conta o atual presidente da Associação. Hoje, segundo os Tembé, o paradeiro de Oswaldo Urubu é desconhecido, mas tanto a Funai quanto a tribo Tembé têm pistas que o provável paradeiro, de Urubu seria o eixo Oiapoque-Guiana Francesa, onde estaria se passando por representante de tribos menores para defender os interesses dos índios junto aos garimpeiros.

Foto Rodolfo Oliveira



Os índios vieram a Belém fazer denúncias e reivindicações

**PERCURSO LONGO SEM TRANSPORTE**

Na audiência com o governador Jader Barbalho, os índios Tembé pedirão que o governo do Estado providencie transporte para a aldeia indígena. Localizada às margens do Rio Turé, próxima de Tomé-Açu, a aldeia dista 37 quilômetros da cidade e, para sair da aldeia e chegar até à pista que sequer é asfaltada, os índios são obrigados a percorrer a pé quase dois quilômetros. Na aldeia, os índios produzem milho, arroz, feijão, pimenta-do-reino e também mandioca, da qual fazem a farinha com que também comercializam. Mas, para levar seus produtos da aldeia até o centro de consumo — a cidade de Tomé-Açu, no caso, — os índios enfrentam grandes dificuldades.

"Carregamos as sacas de produtos nas costas e dependemos de caronas de caminhoneiros para poder conduzir nossas mercadorias. Muitas vezes, temos de dividir espaço nos caminhões que carregam madeira, e isso é um risco muito grande. Precisamos de uma F-1000 ou de uma Toyota, para carregar não só a produção, mas também para servir a toda a aldeia. Quando alguém está muito doente, ou quando acontece algum acidente na aldeia, não temos como transportar a pessoa enferma", exemplificou Gusmão.

O presidente da Associação Indí-

gena disse ainda que a comissão está aguardando uma audiência com Ernani Motta, secretário de Estado de Saúde Pública, para pedir que um comando médico da Sespa visite a aldeia Turé. São 73 índios, ao todo, carentes de cuidados médicos, na aldeia. "Temos problemas de coceiras, tonturas, vômitos, diarreia, além de estarmos precisando de dentista", enumerou. O irmão de Gusmão, Albertino, está fazendo estágio na cidade de Tomé-Açu, como auxiliar de enfermagem. Segundo o cacique, não basta o atendimento médico. "Precisamos também dos remédios, porque não há dinheiro para comprá-los. A Sespa tem que mandar médico e remédio para a aldeia", pediu Lúcio Tembé.

Lúcio Gusmão Tembé disse ainda que está nos planos da Associação Indígena pressionar a Funai para que a área atual da aldeia seja aumentada em mais vinte hectares. "Somos 73 índios vivendo em 146 hectares. Essa área não basta, porque precisamos de espaço para as lavouras e para a caça", disse. Sobre garimpeiros e madeireiros, Tembé afirmou não existirem problemas desse tipo em sua área demarcada, bem como não há invasão de colonos. Mas, com a crescente exploração madeireira ao redor da área demarcada, os animais estão começando a procurar refúgio na área dos Tembé. "Isso até favorece a nossa caça", finalizou.